

Título: Um romance sobre os últimos sobreviventes de uma terra sem despedida

Nome: Ricardo Gustavo Garcia de Mello

GT – 04

RESUMO: A obra *Fundador*, de Nélide Piñon, apresenta a tradição como um bastião da esperança aos últimos sobreviventes de uma terra sem despedida. A tradição é o conteúdo cultural seletivamente acumulado e transmitido de geração a geração, sendo o porto seguro diante do fluxo frenético das coisas.

Palavras-Chave: Tradição; Literatura; Nélide Piñon; Fundador.

I. *Imaginário e literatura.*

A imaginação é um dos traços exclusivos do psiquismo humano, só o homem detém a capacidade mental de produzir fantasmas e fantasias - forças invisíveis que impactam materialmente sobre sua vida.

Para José Guilherme Merquior (1941-1991), o imaginário preenche com significados a carência pessoal e social de sentidos.

Em todos estes casos, o imaginário toma a seu cargo as insuficiências da sociedade, suprindo-as, seja através da elaboração de um objeto estético, seja por meio de condutas mágicas institucionalizadas ou, ainda, de puros relatos individuais do gênero psicanalítico. [MERQUIOR,1975,p.20]

A ficção opera como um mecanismo compensatório da nossa limitação existencial.

A arte se dá agora como uma atividade compensadora, como uma solução fantástica das contradições da sociedade – como uma mediação imaginária. Não é mais somente uma ferramenta da vida social empírica: é também a imagem de seu ultrapassar, desenha a metáfora da forma utópica da sociedade onde nasce. E é sem dúvida o sentido transcendental desta vontade do metassocial...” [MERQUIOR, 1975, p.15]

Além de viver, os homens imaginam viver outras vidas, tempos e espaços. E com certa frequência se atrevem a registrar sua imaginação, a literatura e as artes são formas elevadas de dar corpo ao imaginário. A literatura é a corporificação da

imaginação feita pela vontade e inteligência. Numa definição elementar: a “*Literatura é a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginação.* [MOISÉS, 2007, p.14]. Para Ezra Pound (1885-1972), a “*Literatura é linguagem carregada de significado. Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível*” [POUND, 2006, p.32]. A literatura é uma das linguagens da imaginação educada.

É a imaginação, ou melhor, a imaginação educada que faz os significados da linguagem avançarem, para além dos limites convencionais.

A literatura pertence ao mundo que foi construído pelo homem, a cultura, e não se encontra obras literárias ou equivalentes no reino vegetativo, mineral ou animal. O ser humano é o sal da terra: “*Vós sois o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, com o que se há de temperar?*” [Mateus 5:13]. O mundo sem o homem é insosso, sem sabor, é o ser humano o único ser que conferi à insossa materialidade mundana, sabor e tempero – o mundo foi feito para o homem, e não o inverso.

É nas artes e literatura onde o homem mais se aproxima do seu Criador, Deus, por ser capaz de construir o seu próprio cosmo, o microcosmo, que é um universo em miniatura criado pela imaginação educada. Na obra artística e literária, é possível observar como a imaginação educada cria um universo constituído de personagens, temporalidades e cenários ficcionais.

Através do registro das obras literárias e artísticas, podemos observar a capacidade da imaginação humana, e sondar as profundezas do ser humano. Nos termos de Northrop Frye (1912-1991), “*a literatura é a revelação do homem a si mesmo*”. [FRYE, 2017].

A imaginação educada é capaz de canalizar a torrente de imagens produzidas de modo subconsciente pelo imaginário social e pessoal, e lhe dar um rumo consciente. O indivíduo que educou sua imaginação, se tornou uma pessoa capaz de despertar a mente durante o sonho.

A arte, segundo Platão, é um sonho para mentes despertas, uma obra da imaginação extraída da vida cotidiana, dominada pelas mesmas forças que dominam o sonho, e no entanto apta a nos dar uma perspectiva e uma dimensão da realidade que não alcançamos por nenhuma outra abordagem.” [FRYE, 2017, p.90]

Jamais conseguiremos equiparar as possibilidades sociais e pessoais, com aquilo que podemos imaginar.

II. *Literatura e método*

A imaginação do indivíduo é, por um lado, condicionada pela: i) sua biografia; ii) posição social; iii) e circunstância tempo-espço. E por outro lado, a imaginação transcende esses condicionantes, criando o seu próprio universo de sentidos – um microcosmo. A obra literária é o registro material do microcosmo imagético.

Grosso modo, existem dois métodos de análise das obras literárias: i) a ênfase nos fatores extrínsecos à obra literária, a importância da biografia, posição social e circunstância tempo-espço. ii) E a ênfase nos fatores intrínsecos, o conteúdo da obra. Ou seja, o estudo da psique dos personagens, e das temporalidades e cenários ficcionais. Julgo o estudo da estrutura da obra literária, a obra em si, o método mais apropriado para compreender a obra. Os fatores psicológicos, sociológicos, geográficos e históricos são secundários no estudo da literatura. E só adquirem relevância literária, se forem compreendidos através da obra literária, e não o inverso.

É importante pontuar a existência da obra literária como um microcosmo, uma estrutura autônoma, com autonomia frente aos dados geográficos, históricos, sociais, e até biográficos. Para entender uma obra literária, é necessário contemplar sua própria existência.

O estudo da literatura não é feito só para responder, o que é verdadeiro, e o que é mentiroso dentro das obras literárias. Segundo Jorge Luís Borges (1899-1986), “*la irrealidad es condición de la arte*”. O que importa no estudo da literatura, é constatar a verdade das mentiras. A literatura se interessa, por mentiras sinceras.

A ficção é capaz de expressar verdades ocultas, que a realidade concreta não pode ou não suporta explicitar.

De fato, os romances mentem – não podem fazer outra coisa –, porém essa é só uma parte da história. A outra é que, mentindo, expressam uma curiosa verdade, que somente pode se expressar escondida, disfarçada do que não é. Dito assim, parece um galimatias. Mas, na realidade, trata-se de algo muito sensível. Os homens não estão contentes com o seu destino, e quase todos – ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam a não ter. No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito. [VARGAS LLOSA, 2004, p.16]

A ficção constrói uma realidade paralela, que não é a mera reprodução da vida real. Nos termos de Vargas Llosa: “*Non se escriben romances para contar a vida, senão para transformá-la, acrescentando-lhe algo.*” [VARGAS LLOSA, 2004, p.17].

III. *A Tradição contra o esquecimento: a importância do marco fundador.*

Os homens são seres de carne e osso que para se perpetuarem no tempo-espaço, devem fazer com que suas obras ecoem na memória da posteridade, através de um testamento capaz de comunicar aos vivos, o valor dos mortos. A perda ou esquecimento desse testamento resulta no sentimento trágico da mortalidade cultural. Nos termos de Hannah Arendt, “*nossa Herança nos foi deixada sem nenhum testamento*” (ARENDR, 2000).

O testamento atesta a existência de uma tradição, conferindo aos herdeiros os direitos de posse sobre o passado, e os deveres de transmiti-lo às próximas gerações. A sobrevivência do patrimônio material e simbólico da cultura, depende da tradição.

A obra *Fundador* (1969), de Nélide Piñon (1937) é uma bela expressão literária da imaginação educada, que expressa o sentimento trágico da mortalidade cultural.

“*Os ancestrais tudo fizeram para que os esquecêssemos, não restassem memórias. Sem que nos consolem outras cidades, vivemos tão afastados que suspeitamos ser os últimos sobreviventes de uma terra sem despedida...* [PIÑON, 2011, p.125]

Nélide Piñon, retrata de forma límpida este sentimento trágico da perda da tradição, como sentimento da perda das origens, e da identidade de um povo que é incapaz de relatar o seu passado. Descrevendo nesse romance, o desconhecimento do nome do fundador da cidade, por parte, dos personagens que são habitantes de uma cidade onde, não se preocupa em saber a razão de ser da própria cidade. Os habitantes dessa cidade praticavam de forma costumeira, o culto do esquecimento. Até o momento de os personagens perceberem o erro de não registrar os antepassados - esquecer o testamento. Um passado sem testamento, é um passado sem testemunhas. “*Uma vez que o passado do homem também é sua história presente*” [PIÑON, 201, p.125].

Esta ausência de uma origem leva à necessidade de sondar a própria história na busca de um fundador ou marco, capaz de explicar a razão de ser daquela sociedade. “[...] *cresceu na comunidade a paixão de decifrar aquele mistério. – Se não construímos esta cidade, descobriremos a quem devemos este esforço*” [PIÑON, 2011, p.66].

O anonimato da origem começa a ser respondido pelo descobrimento da espada *Sir Tristam*, fincada na casa da Monja. Tal espada passa a ser o elo entre as diferentes gerações – o vínculo de ligação entre passado, presente e futuro. A espada é eleita o marco fundador da cidade.

Logo, a possibilidade de decifrar a biografia do homem que fincou a espada na terra, se apresenta como forma de explicar a história da própria coletividade.

Agora, no entanto, avaliavam o sacrifício dos primeiros homens transitando respeitosos por aquelas artérias. [...] A terra tornara-se pretexto de memória. Tudo faziam para localizar os seus mortos, em que recanto fertilizavam aquele solo. E invocando-lhes a lembrança, não pretendiam cortejar entidades misteriosas, mas recompor, ainda que precariamente, as criaturas que iluminaram a comunidade. [PIÑON, 2011, p.67]

Adolpho Crippa (1929-2000), em sua obra, *Mito e Cultura* (1975), demonstra a necessidade dos homens e povos sondarem suas origens, na busca por matrizes e marcos fundadores, para estabelecer uma narrativa sobre o sentido primordial, e último da cultura.

A história de todos os povos e de todas as culturas começa sempre com um capítulo dedicado aos primórdios, no qual se trata da gênese do que aconteceu e do que irá acontecer. Na gênese de todas as trajetórias históricas, encontramos relatados acontecimentos singulares e únicos, nos quais os deuses, semi-deuses, heróis e homens especiais participam de acontecimentos transcendentais e decisivos, que modelam e determinam os acontecimentos posteriores.[CRIPPA, 1975, p.12]

O mito fundador confere um marco fundador, ou seja, uma origem. E a própria consciência deste marco fundador confere à sociedade, um fundamento perene diante da mortalidade existencial.

No romance, *Fundador*, a espada fincada na terra significa o marco fundador da sociedade.

Retirando a espada da bainha, controlou os movimentos, Temia agitar-se, agravar a moléstia de uma espada, o seu lastro de dor e equívocos. [...] Espetou a espada lentamente no chão. Nenhum gesto inútil. Buscando um ventre. O cabo rangia impelido pela própria vibração. Apreciava-se submersa naquele território, assinalava sua passagem, a vontade de permanecer. [...] – Aqui iniciarei meu reino, acrescentou cerimonioso. Levantar a primeira casa em torno da espada de Sir Tristram, expressava poder. Projeto a que se dedicou com paixão. Desde o primeiro grito do sol ao crepúsculo. Sem cansaço, licença para luxo e outras doença. E excedendo a aventura aos seus empenhos, contava hinos, canções improvisadas. [PIÑON, 2001, 30-31]

O homem que finca uma espada na terra, deita raízes - a espada é o falo que fecunda o ventre da terra. *O Fundador*, é o homem que contempla os templos, enxergando nestas construções humanas, não só as forças transcendentais, mas a

capacidade de o ser humano edificar um legado para a posteridade, ultrapassando a materialidade mundana.

A cidade, o templo, a casa são certamente instalações primordiais que obedecem a modelos míticos. Procuram refletir a intenção divina na constituição do mundo e, em cada caso, reedificam e reconstituem o cosmos primordial. A cidade, como vimos, parte sempre de um centro sacral, determinado por uma presença hierofânica, simbolismo ainda hoje presente na edificação de cidades profanas, no lançamento da pedra fundamental. Os orientais organizam-se sempre em torno de um centro – mandala – que é a imagem do mundo. Os antigos romanos, bem como os povos germânicos, organizam o mundo a partir de um círculo, no qual se situa o umbigo do mundo, a região sagrada por excelência, de onde partem as direções fundamentais que delimitam um determinado cosmos. Os demais povos procuram reviver a cosmogonia tanto na fundação de suas cidades, como na edificação dos templos e das casas. O simbolismo do Centro está ligado a imagens cósmicas, revividas nas cidades santas, nas cidades dos Reis, nos grandes santuários. Depois de referir as mais diversas tradições, M. Eliade observa: “Em contextos culturais extremamente variados, encontramos sempre o mesmo esquema cosmológico e o mesmo cenário ritual: *a instalação num território equivale à fundação do mundo*. [CRIPPA, 1975, p.171]

A *Cidade de Deus* (412 - 427) de Santo Agostinho (354 – 430), apresenta valiosos argumentos para diferenciar a cidade/sociedade perene da cidade/sociedade perecível. Na cidade/sociedade perecível os homens vivem de acordo com as coisas passageiras e os desejos momentâneos, já na cidade/sociedade perene os homens querem viver de acordo com as coisas permanentes, estabelecendo vínculos com o eterno. É a virtude da amizade que funda as sociedades/cidades perenes, e são os vícios que fundam as sociedades/cidades perecíveis.

A virtude social ou amizade tem por base: amar ao próximo como a si mesmo. Sem a amizade, a comunhão entre os indivíduos, a vida social não pode existir. Uma sociedade sem amizade perece pela discórdia. “*Fundador não os queria inimigos. Com inimigos não se constrói cidade [sociedade]*.” [PIÑON, 2011, p.33-4].

Só amigos podem zelar pela comunidade, e resistir aos ataques dos inimigos. Nos termos da Obra *Fundador*. “*Confio nos homens por voto amoroso, e lhes declaro que jamais me pertenceu esta cidade, ainda quando era o único a conhecer seu roteiro. Deus é minha testemunha. E só o trabalho me emancipa.*” [PIÑON, 2011, p.93-4]

Em suma, não existe sociedade sem amizade. O conceito sociológico que mais se aproxima da amizade, é a solidariedade. A solidariedade tem por base os termos

família e solidez que denotam fraternidade, solidez e coesão. A solidariedade fornece solidez e força aos entes que isolados são fracos, e somente unidos são fortes.

João Paulo II (1920-2005), em sua carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, 30/12/1987, resume bem os princípios da sociabilidade humana ao explicar que a solidariedade, é um princípio social e virtude moral.

João Paulo II diz: “A *solidariedade é também uma verdadeira e própria virtude moral, não «um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos»* A solidariedade eleva-se ao grau de virtude social fundamental, pois se coloca na dimensão da justiça, virtude orientada por excelência para o bem comum...”¹

A solidariedade se funda na amizade verdadeira, e não na relação social interesseira, onde o próximo é um instrumento ou meio para realizar um fim ou satisfazer um desejo. “*A grande família que Fundador destinava à cidade.*” [PIÑON, 2011, p.34].

IV. *Tradição e Crítica ao Nihilismo*

No ato dos homens revistarem baús, sótãos, diários, e documentos familiares. Se restabelece o ciclo da memória.

A memória é a base da personalidade individual, assim como a tradição o é da personalidade coletiva de um povo. Vive-se na recordação e pela recordação, e nossa vida espiritual não é, no fundo, senão o esforço de nossa recordação por perseverar, por tornar-se esperança, o esforço de nosso passado por tornar-se porvir. [UNAMUNO, 1996, p.8]

A recordação oferece não só o sentido de continuidade e identidade, mas também o consolo às ansiedades do homem. O trabalho de recordação se denomina *anamnese*. A anamnese é o esforço consciente de recordar ou rememorar coisas, ideias e

¹ João Paulo II, encíclica: *Sollicitudo Rei Socialis* , 30 de dezembro de 1987
Site: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/encyclicals/documents/hf_jp_ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html

peçoas esquecidas - uma reação consciente contra a amnésia. A tradição é um exercício de *anamnese*.

Unamuno expressa um conceito vivo e fecundo de tradição.

“Tradición, de tradere, equivale a «entrega», es lo que pasa de uno a otro, trans, un concepto hermano de los de transmisión, traslado, traspaso. Pero lo que pasa queda, porque hay algo que sirve de sustento al perpetuo flujo de las cosas. Hay una tradición eterna...” [UNAMUNO, 1916, p.38-9]

A tradição é o conteúdo cultural seletivamente acumulado e transmitido de geração a geração, sendo o porto seguro diante do fluxo frenético das coisas.

Para Unamuno, a tradição é ponto de estabilidade da história, aquilo que permanece quando passa todos os acontecimentos históricos - a infraestrutura da história.

“Pero si hay un presente histórico, es por haber una tradición del presente, porque la tradición es la sustancia de la historia. Esta es la manera de concebirla en vivo, como la sustancia de la historia, como su sedimento, como la revelación de lo intra-histórico, de lo inconciente en la historia.”[UNAMUNO, 1916, p.40]

Tal concepção de tradição remonta a obra *Confissões* (397-8) de Santo Agostinho, onde analise a relação entre tempo e eternidade.

Compreenderá então que a duração do tempo não será longa, se não se compuser de muitos movimentos passageiros. [...] Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido dum passado, e todo o passado e futura são criados e dimanam d`Aquele que sempre é presente. Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo ela nem passado nem futuro... [AGOSTINHO, 1973, p.242]

Com base nas ideias de Santo Agostinho, podemos pensar a tradição como um tempo eterno composto pelas coisas perenes, que vinculam os homens à uma fortaleza capaz de suportar as tormentas da modernidade.

Nélida Piñon, com sua linguagem ficcional expressa de forma modelar, tal concepção de tradição.

O vale que existia quando ainda teimávamos em ser carne, e cujo pó sempre conteve mais existência do que a vida que representávamos. Todos os ancestrais ali em repouso, e era o pó que já fomos, o que iríamos ser. Um pó com que formaremos o barro, de tal mistura sagrada construindo a cidade. [...] Quem somos então? O que outros

homens já foram. [...] Nós somos a vida que eles deixaram de possuir.
[PIÑON, 2011, p.137]

As cinzas das gerações passadas são transmitidas como patrimônio, para as novas gerações. As cinzas dos velhos não são matéria morta, mas matéria-prima que serve de argamassa para cimentar a sociedade. Nos termos de Italo Calvino, na sua obra *Cidades invisíveis* (1972), “*as cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas.*” [CALVINO, 1990, p.44].

A importância da tradição foi bem resumida na Mensagem de Natal de 1968 feita por Paulo VI, uma espécie de resposta aos movimentos de maio de 1968.

Outrora, a experiência dos velhos servia de garantia para as ordens vigentes ou desejáveis. Agora, estas ordens são impugnadas, precisamente pelo simples fato de serem herança do passado e prefere-se, antes de mais nada, derrubá-las do que conservá-las, ou renová-las, com a cega esperança que o novo seja, por si só, fecundo de progresso humano. Não se acredita nos valores estáveis da fé, da cultura, das instituições, e olha-se para o futuro não sob um aspecto cronológico, coerente com uma tradição em vias de desenvolvimento orgânico, mas, sim, sob um aspecto rebelde, por surpresa e indefinível, com a confiança quase fatalista e messiânica de uma renovação radical e geral e de uma felicidade finalmente livre e completa.

A defesa da tradição é a reação consciente perante a postura niilista de nossos intelectuais, que nutrem um posicionamento hostil diante de tudo que existe. Fazendo do culto da novidade o ápice de sabedoria, esquecendo que quando se destrói as coisas duradouras, só sobra anarquia. Isto não significa dispensar a crítica necessária das tradições, mas saber avaliar os pontos positivos e negativos – um balanço crítico do legado.

As críticas às tradições são bem-vindas quando corroboram para aperfeiçoar os arranjos humanos, e não para acabar com tudo.

Na contemporaneidade a crítica intelectual colérica é cada vez mais comum, por conferir *status* e poder ao homem modernista. Mas, na verdade tal homem à frente do seu tempo, não é mais do que um bárbaro travestido de elite do pensamento.

Muitos intelectuais iludidos pelo conceito do bom selvagem, acham que romper com a tradição e quebrar tabus, é o meio mais eficaz de libertar o homem da repressão, mas na verdade é o meio mais rápido de embrutecer o homem. Em oposição ao niilismo, afirmamos que a tradição significa um ato civilizatório de construir um porto seguro diante das tormentas mundanas.

A tradição opera como barreira diante da megalomania ou onisciência dos intelectuais, ao afirmar que nenhum indivíduo é suficientemente brilhante para dispensar a sabedoria acumulada.

Muitos intelectuais oportunistas vêm na perda de força da tradição, uma possibilidade de fazer com que as suas ideias possam ganhar corações e mentes, e assim fundar uma nova ordem.

A consequência da destruição da tradição, é a formação da mentalidade niilista - tudo que existe deve perecer.

Os defensores da tradição são, nos termos de Russel Kirk, os *partidários das Coisas Permanentes*. Não é fácil traçar uma linha de demarcação entre a recriação genuína e a recriação artificiosa da tradição, mas “*Em todas as tentativas, porém, de restaurar, recriar e assimilar a tradição, o traço de continuidade permanece. Quando alguém age a partir da tradição, passa a ver aquilo que faz como parte de um padrão que transcende o foco de seu atual interesse, ligando-o ao que foi feito anteriormente – e feito com êxito.* [SCRUTON, 2015a, p.90-1]

Na tradição reside o estoque de conhecimento seletivamente acumulado pela sociedade ao longo da sua existência cultural. Por isto, que afirmo que as tradições não são meras invenções, não são criadas do dia para a noite, e nem aniquiladas sem remorso. A tradição é uma criação coletiva onde os homens das mais diversas posições sociais e habilidades corroboraram na sua formação, resolvendo problemas e acumulando soluções.

A tradição não é um amontoado de velharias, mas o acúmulo de experiências bem-sucedidas que conferem um sentido profundo à existência, formando vínculos de lealdade com aquilo que é durável, e sobrevive ao desgaste temporal. Sendo a defesa da tradição, importante não só para as gerações do presente, mas para a existência da posteridade.

Estamos sentimentalmente ligados às coisas que amamos e que desejamos proteger contra a decadência. Sabemos, contudo, que tais coisas não podem durar para sempre. Enquanto isso, devemos estudar os modos pelos quais podemos conservá-las durante todas as mudanças pelas quais devem inevitavelmente passar, de modo que nossas vidas continuem sendo vividas em um espírito de boa vontade e de gratidão.[SCRUTON, 2015, p.53b]

Conclusão

Através da tradição herdamos bens admiráveis que as gerações presentes devem se empenhar na preservação, como condição existencial da posteridade. Por isto, que a defesa da tradição tem certo aspecto conservador.

O conservadorismo advém de um sentimento que toda pessoa madura compartilha com facilidade: a consciência de que as coisas admiráveis são facilmente destruídas, mas não são facilmente criadas. [...] o trabalho de destruição é rápido, fácil e recreativo; o labor da criação é lento, árduo e maçante. Esta é uma das lições do século XX. [SCRUTON, 2015, p.9]

A leitura do romance, *Fundador*, representa um ato moderno em defesa da tradição contra o modernismo niilista. Ao demonstrar que não exista proteção contra a barbárie, exceto o esforço de defender a tradição diante da instável condição moderna.

A tradição é o último porto seguro, para os sobreviventes de uma terra sem despedida.

Referências Bibliográficas

AGOTINHO Santo, *A cidade de Deus*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian 1996

AGOTINHO Santo, *A cidade de Deus*, Vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000

AGOSTINHO Santo, *Os pensadores*, Vol. VI, São Paulo, ed. Abril, 1973

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*, São Paulo, ed. 5, Perspectiva, 2000

CALVINO Italo, *As Cidades Invisíveis*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990

CARPENTIER Alejo, *O reino deste mundo*, São Paulo, Martins Fontes – selo Martins, 2009

CASTORIADIS Cornelius, *Figuras do pensável. As encruzilhadas do labirinto VI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004.

CRIPPA Adolpho, *Mito e Cultura*, Editora Convivio, São Paulo, 1975

DALRYMPLE, Theodore, *Nossa cultura ou o que restou dela*. São Paulo, É Realizações, 2015

- DURAND Gilbert, *As Estruturas do imaginário*, ed, Martins Fontes 2ªed. São Paulo, 2001
- FRYE, Northrop, *A imaginação educada*, São Paulo, Campinas, Vide Editorial, 2017
- KIRK, Russel. *A Política da prudência*, São Paulo, É Realizações, 2013
- MARÍAS, Julián. *A Estrutura social*, 1955, ed. Duas Cidades, São Paulo
- SCRUTON Roger, *Como ser um Conservador*, 1 ed. Rio de Janeiro, Record, 2015
- SCRUTON Roger, *O que é Conservadorismo*. São Paulo, É Realizações, 2015
- MERQUIOR, José Guilherme, *A estética de Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*, São Paulo : Cultrix, 2007.
- PIÑON, Néida , *Fundador*, 2ª ed .Rio de Janeiro, Record, 2011
- POUND Ezra, *ABC da literatura*, ed. 11., São Paulo, Cultrix, 2006
- SOWELL, Thomas. *Os Intelectuais e a Sociedade*. É Realizações, São Paulo, 2011
- UNAMUNO Miguel de, *Do Sentimento Trágico da Vidas nos Homens e nós Povos*. São Paulo, Martins Fontes 1996
- UNAMUNO, Miguel de. *Ensayos v.I*. Publicaciones de la residencia de estudiantes, Madrid, 1916
- VARGAS LLOSA, Mario, *A Verdade das Mentiras*, São Paulo, Ed. Arx, 2004